1.º ANNO — Sabbado, 20 de junho de 1908 — Numero 18

O DEMOCRATA

ORGÃO SEMANAL DO PARTIDO REPUBLICANO NO DISTRICTO DE AVEIRO

DIRECTOR E REDACTOR
DR. ANDRÉ DOS REIS

REDACÇÃO—Rua Direita n.º 40

REDACTORES
Albano Coutinho, Dr. Fernandes Costa e Dr. Samuel Maia

ADMINISTRADOR
BERNARDO TORRES

ADMINISTRAÇÃO—Praça do Commercio

ASSIGNATURAS

Anno (Portugal e colonias)	1$200 réis
Semestre	600 »
Trimestre	300 »
Avulso	30 »

Propriedade da Empreza d'O DEMOCRATA

Composto e impresso na Typ. Minerva Central de José Bernardes da Cruz
RUA TENENTE REZENDE—AVEIRO

ANNUNCIOS

Por linha	20 réis
Repetições	15 »

ANNUNCIOS PERMANENTES, contracto especial.

A Derrocada

A monarchia agonisa, esphacelada pelos homens que pretendem amparal-a. Os adeantamentos á familia real, a celebre questão levantada na camara dos deputados na sessão de segunda-feira, constituem um facto ignominioso da historia contemporanea, que surprehendeu, pelo imprevisto de confissões insuspeitas, não só o paiz, como certamente as potencias nossas credoras que acompanham vigilantes a vida airada d'esta pobre nacionalidade.

Os homens do regimen malbarataram em proveito d'uma casta os dinheiros da nação! E' necessario frizar bem este delicto de lesa-patria, que o Codigo Penal fulmina com penas severas. O erario publico tem estado á mercê de dissipadores sem escrupulo, de vampiros insaciaveis, que vem haurindo ha tantos annos o patrimonio commum, esbanjando com indifferença dos grandes cynicos os crudelissimos sacrificios do contribuinte.

Apanhados em flagrante delicto, pelo assedio que lhe moveram no parlamento, os delapidadores confessaram alfim que tinham prevaricado! Desorientados com o estrondo do formidavel escandalo, os coreos vem já fazendo alarde do cynismo, avançando doutrinas capciosas para cohonestar o delicto, que reveste o mais grave aspecto, sob qualquer subterfugio com que pretendam suavisal-o.

A notavel sessão de segunda-feira marcou epoca nos annaes do parlamento portuguez. Posto á discussão o projecto de lei fixando a lista civil e regulando a liquidação dos adeantamentos á casa real, o deputado snr. Brito Camacho abre a campanha e investe denodadamente, pedindo a palavra para uma questão prévia. E' desnecessario dizer que ella foi regeitada. Os termos, porém, d'essa questão, são fulminantes e incisivos.

«A existencia dos chamados adeantamentos illegaes á casa real foi revelada ao parlamento em sessão de 12 de novembro de 1906 pelo então presidente do conselho snr. João Franco Castello Branco. Em sessão da camara dos pares de 21 de novembro de 1906, os conselheiros Hintze Ribeiro, Dias Ferreira e José Luciano de Castro negaram que tivessem sido feitos á casa real os adeantamentos illegaes denunciados pelo conselheiro João Franco, sendo elles chefes do governo. O decreto de 30 de agosto de 1907 liquidava as contas entre o thesouro e a fazenda da casa real, mas no respectivo relatorio não se fazia a citação de quaesquer documentos de que resultasse incontestavel a existencia dos chamados adeantamentos illegaes com a fixação precisa de um montante.

Até que seja apresentado o relatorio da commissão eleita nos termos do n.º 5 do artigo 15.º da Carta Constitucional para fazer o exame da administração do reinado anterior, não só a camara não póde deliberar sobre o modo como teem de ser liquidados os adeantamentos illegaes feitos pelo thesouro á casa real, mas nem sequer da existencia d'esses adeantamentos possue uma prova decisiva e irrecusavel, por quanto se um presidente do conselho affirmou, tres presidentes do conselho negaram.

Assim sendo, propõe que a camara, nos termos do artigo 131.º do regimento, se declare incompetente para tomar quaesquer deliberações sobre o projecto».

Segue-se no uso da palavra o deputado snr. Egas Moniz, que cahiu a fundo sobre os ministros prevaricadores. O orador refere-se ás declarações feitas pelo snr. João Franco, a respeito d'esses adeantamentos, que são um facto averiguado, pois que no decreto dictatorial com que se pretendeu fazer a sua liquidação, esses adeantamentos fixaram-se em 770 contos!

Veja o paiz como os homens da monarchia administraram os dinheiros da nação, como elles acautelaram e zelaram a fazenda nacional. E' o eterno opprobio cobrindo esse cadaver, que a todos nós compete sepultar, em nome da salvação publica.

VISITA DO REI AO PORTO

Em artigo especial diz o *nosso* «Janeiro», de quinta-feira, que o Porto *fidalgo* ha de fazer uma brilhante recepção a D. Manoel, por occasião da sua proxima visita áquella cidade.

O Porto fidalgo?! Se a festarola é feita só com esta gente, o brilhantismo dá um fiasco, visto que o mais que podem apurar em fidalgos, orça por uma duzia, se tanto...

A CRÉCHE

Mereceu á *Vitalidade* quasi duas columnas de prosa o nosso pequeno reparo com relação a esta instituição. E o argumentador, que parece se doeu com elle, atira-se com unhas e dentes *ao patriotismo local com força dupla*, dando a entender que não ha ninguem que lhe leve as *lampas* em patriotismo, dentro e fóra, é claro, de nossos muros.

Pois, *meu caro*, basta que tenha tanto como os verdadeiros patriotas, e se tem como diz muito amor a este torrão, digno de melhor sorte, os outros não o teem menos e com justificado orgulho. E, já que veio á estacada, dir-lhe-hemos que continuamos a manter em nossa opinião o que dissemos, sem interesse ou necessidade de sermos agradaveis a uns, ou desagradaveis a outros.

Com os *alicerces* que *construiram* a *créche*, os prejudicados, creiam, são só os dois azylos. E o tempo se encarregará de nos dar rasão.

Os asylos estão em condições de poderem dispensar **um conto e quinhentos mil réis** por anno com a *créche*, sem prejuiso proprio?

Toda a gente acredita que não.

De resto, as nossas palavras não íam com subscripto a ferir ninguem, para serem tomadas por mau acinte; quando é certo irem só n'ellas o unico desejo de se fazer boa administração, sem prejuizos de duas sympathicas instituições que tantos infelizes protegem.

AUTONOMIA MUNICIPAL

O *Primeiro de Janeiro* dirigiu aos municipios do paiz, um appello, que diz ter recebido de um amigo de Villa Real, e que pela natureza e importancia do assumpto, não temos duvida em reproduzir nas columnas do nosso jornal.

O appello é concebido nos seguintes termos:

A camara municipal do Porto, por proposta do snr. vereador Silva Cunha, acaba de resolver representar ao parlamento para ser reformado o codigo administrativo no sentido de dar áquelle municipio a autonomia de que carece para o regular desempenho da sua missão.

Este assumpto tanto interessa a todos os municipios do paiz, que todos elles deviam coadjuvar a iniciativa da camara do Porto, representando no mesmo sentido aos poderes do Estado, n'um movimento simultaneo e unisono.

O municipio, esse reducto das liberdades publicas, essa veneranda instituição das franquias populares, que mereceu a Alexandre Herculano as suas mais bellas paginas de historiador eminente, deve reconquistar as suas prerogativas.

Seria mesmo essa uma das primeiras satisfações que um governo sinceramente liberal deve dar ao paiz.

Fontes, o estadista eminente que, infelizmente, não deixou successores que nem de longe o valham, fez uma larga descentralisação administrativa.

E, sem que do exercicio d'ella tivessem resultado lições que a condemnassem, os successores de Fontes desfizeram a obra do mestre, porque isso convinha ás suas mesquinhas politicas.

No penultimo reinado foi Portugal um dos paizes mais liberaes do mundo.

Veio depois a reacção com o reinado ultimo; e até onde ella foi e qual o seu triste fim demais se sabe.

Não bastaria tal lição para nos dar juizo?

A todos os municipios corre o dever de luctar pela sua autonomia.

A opportunidade impõe-se com o dever d'essa crusada.

Hão de passar no parlamento outras medidas de somenos importancia e não passará esta se não tiver uma defesa séria e tenaz.

Que ponham as camaras municipaes o interesse publico acima do interesse partidario.

Uma dadiva de 18 contos

Os reis em pleno governo da legalidade... triumphante!

A *Palavra*, jornal ultramontano do Porto, publica no seu ultimo numero, em correspondencia de Lisboa, este boato que, ou significa um carapetão tremendo, ou um tremendissimo escandalo. Seja uma cousa ou a outra, é imprescindivel que o caso se esclareça:

«Supprimiu o governo anterior o logar inutil de embaixador na China, que custava dôze contos por anno. Pois o embaixador demittido recebeu agora, das mãos d'este honestissimo governo, dezoito contos de réis,—importancia de anno e meio de honorarios d'esse cargo que já não exercia.

Chama-se a isto—uma indemnisação politica».

Que diz a isto, o snr. José d'Azevedo?

O snr. José... d'Azevedo, guardou-os no bolso, como é natural...

E que dizem a isto, o honrado snr. Ferreira do Amaral e os honradissimos snrs. regeneradores?

Isto de ser monarchico de *convicção*, custa muito caro...

Canalha dourada e canalha maltrapilha

A distincção é velha. Desde tempos imemoriaes começou a existencia dos homens do trabalho e dos homens do parasitismo.

Já não bastava ás necessidades materiaes da aglomeração humana a caça e a pesca, as raizes das plantas e os fructos silvestres. Recorreu-se ao trabalho da agricultura, fazendo produzir a terra.

Mas, desde logo, o trabalho mordeu nas mãos de muitos e isso bastou para que muitos se arregimentassem, em bando, desde logo combinados para viverem do producto do trabalho dos outros. Se bem o pensaram assim o fizeram, e as castas começaram a accentuar-se.

Os mais espertos foram triunfando e, como não pensassem no trabalho, deram-se a pensar nos meios de exploração. As suas faculdades empregaram-se na confecção e combinação de instrumentos de ataque e de defeza, para quando lhes fosse preciso o uso da força contra os trabalhadores.

Pelos seculos fóra as combinações multiplicaram-se e os instrumentos aperfeiçoaram-se. O que ahi vae de perfeição em machinas de exterminio, desde o canhão de tiro rapido ao couraçado, e deste ao torpedeiro, e deste ao invento do padre Hymalaia!

Um padre, um ministro da doutrina de Jesus, a inventar machinas para o assassinio de seus irmãos!

Mas não é para ahi que eu quero ir hoje. Comecei a escrever pensando no apodo dos mais illustres no parlamento, ao povo trabalhador:—A canalha!

Justiceira ergueu-se do lado a voz do sr. Alpoim, ripostando com a frase tipica de *canalha dourada*, a outra, a que vive, como teem vivido desde tempos imemoriaes, no parasitismo, a canalha fidalga. Mas, sempre é bom registar que, mais uma vez, os doirados felizes falaram com desprezo dos infelizes que se deixam morrer de fome e de doenças, juntamente com os filhos, em quanto vão dourando aquelles.

A fidalguia é sempre a mesma, com a diferença apenas, em favor de fidalgos antigos, que esses antigos se batiam a meudo nos campos de batalha. Era terrivel, mas havia fidalgos que podiam orgulhar-se mostrando as cicatrizes que ás vezes os desfiguravam.

Hoje não mostram cicatrizes, mostram as *toilettes* bem talhadas com o cunho das alfaiaterias do *bom-tom*. E se, ás vezes, pensam em bater-se, mandam adeante a guarda municipal e a policia, não reparando, uns nem outros, que essa guarda e essa policia é recrutada entre a massa anonima a quem desprezativamente apodam de canalha.

Não é sem calculo que os conspicuos figurões do alto fazem tudo o que podem para a conservação do analfabetismo portuguez. Se assim não fosse como seria possivel a existencia de milhões de trabalhadores famintos e milhares de parasitas dourados; como seria possivel ainda sahir da boca d'estes o insulto, o cuspinhar do desprezo sobre aquelles, impunemente?

Porque é indigno, é por demais infame ouvir-se esse insulto, sentir-se o cuspinhar d'esse desprezo sobre o povo que tudo produz, que morre de fome e de miseria, que súa sangue, que dá a vida nos campos de batalha, como aquelles que lá andam e teem andado pelos sertões africanos. E' indigno.

A canalha só deixa de o ser para os illustres fidalgos quando marcha ao toque das cornetas e dos tambores, o peito prompto a ser varado por uma bala, rasgado por uma baioneta. Então tudo são apelos ao amor da patria e á bandeira que se agita em frente, como um simbolo.

Porque lhes não chamam canalha, então, nos discursos pomposos de rethorica, quando os incitam ao desprezo pela vida?

E desprezam-na, elles, os párias do destino, elles, que depois de se baterem heroicamente, veem para ahi, mutilados, estender muitas vezes a mão á esmola, cahindo de fome pelas ruas de Lisboa e do Porto, morrendo ignorados nas suas aldeias.

A canalha! — mas não fosse a canalha maltrapilha e a canalha dourada teria deixado a patria portugueza reduzida a uma simples provincia hespanhola!

Falla-se agora em festejar o centenario da campanha peninsular. Pergunte-se aos fidalgos insultadores a quem cabe a maior gloria d'essa campanha, quem é que se batia, regando com seu sangue o solo da patria, contra as hostes dos generaes francezes?

Sim, perguntem-lhes. — Emquanto a fidalguia se punha em fuga, mar em fóra, com o rei poltrão e a rainha doida, depois de entregar o paiz ás depredações dos soldados de Junot, emquanto a fidalguia, que ficava no paiz por não poder fugir tambem, dava festas nos seus palacios em louvor d'esses mesmos soldados, n'ellas acclamando vergonhosamente Napoleão como o «Prodigio», o grande imperador eleito por Deus para fortuna dos povos! emquanto assim procedia, a fidalguia, a nobreza, o povo, a *canalha*, de peito incendiado de patriotismo, expunha a vida nas famosas guerrilhas, erguendo barreiras com seus peitos heroicos de encontro aos quaes foi impotente o valor das hostes victoriosas do grande Corso, salvando a patria portugueza do absoluto aniquilamento.

José Augusto de Castro

CARTA DE LISBOA

7 junho de 1908.

A Locomotiva Democratica avança triumphantemente sobre as calhas do Progresso, nunca recuando um passo do caminho andado.

Em vão tentam oppôr-lhe obstaculos:

—Tudo derruba!

Em todas as estações tem passageiros novos, como disse João de Menezes.

As carruagens abarrotam, mas ninguem sae, porque todos vão para o terminus.

Não é uma viagem, é uma excursão; e todos vão anciosos por chegar ao desconhecido.

Velhos e novos, ricos e pobres, todos se confundem n'um convivio fraternal.

Poderosa familia! Familia sim; pois quem duvida que o Partido Republicano não representa uma familia com o seu lar, mas no qual não lhe é reconhecido o direito de maioridade, a que, no entanto, ha muito chegou?!

A caminhada tem sido longa, e tortuosa, porem que importa se vamos em busca da nossa emancipação social, que irmãos perdularios se negam a conferir-nos.

Uma vez na posse d'ella procuraremos no nosso «seio» as almas nobres e desinteressadas que nos hão-de guiar durante a resurreição d'esta Patria estremecida.

Queremos ser Portuguezes, e para o sermos não nos basta o nome.

Portuguez foi, outr'ora, para todo o mundo synonimo de heroe, e agora, mais do que nunca, é preciso que o seja.

E' uma lucta contra irmãos perdularios que desejam fazer monopolio dos nossos haveres, lançando-nos na ruina, que seria a tutela estrangeira, a fome e um ferrete ignominioso na ultima pagina da nossa Historia.

Ah! mas nós havemos de vencer muito em breve, porque já perto e muito ao perto, divisamos a rubra aurora que parece caminhar para nós, quando na realidade somos nós que a procuramos.

Havemos de livrar-nos do jugo despotico que nos opprime, embora tenhamos de caminhar por entre espinhos, cruelmente lançados no caminho da liberdade, pela mão negra da reacção.

Não desejamos sangue que todos os nossos esforços tem sido evitar o sacrificio generoso do Povo.

Nós queremos subir as escadas do Poder sem que os nossos olhos divisem a mais simples mancha de sangue e, com a lealdade que o nosso Ideal nos impõe, descobrir-nos-hemos á passagem dos vencidos.

Se sangue houver não será motivado por nós, e, n'esse caso, a ira popular será o juiz indomavel de todos os tempos, esse juiz que julga, e executa sem pensar, levado por um sentimento de occasião.

Um homem prudente quando perde a cabeça, isto é, quando exgota o ultimo gráu da sua paciencia, torna-se uma féra.

Ora nós temos bebido o calix da amargura até ás fézes, mas a monarchia de garrafa em punho parece disposta a enche-lo de novo.

Vamos, suspendam esse movimento, e caiam de vez nos braços do Destino, que já os espera impaciente á porta da Realidade.

O Povo não merece por mais tempo a imposição afrontosa do vosso jugo, porque é tão bom e leal para vós, quanto vós tendes sido desleaes e tyrannos para elle.

A MACHINA

A revolução—já o temos dito—é fatal, e para aquelle que estuda os phenomenos sociaes não é uma affirmação infundada, não é mais que a comprovação d'uma verdade que seria evidente se a complexidade d'esses mesmos phenomenos não nos occultasse a sua marcha real, encadeando os seus effeitos de tal modo que, com muita frequencia, tomamos os effeitos pelas causas e as causas pelos effeitos.

O mesmo se dá com muitos trabalhadores que, feridos pelo facto brutal de serem substituidos pela machina, professam odio a esta e chegam mesmo a desejar a sua supressão, sem se recordarem de que nem por isso deixariam de ser machinas de produzir e que a supressão das machinas não lhes traria senão um bem-estar relativo e momentaneo que não tardaria a desapparecer pela ganancia dos exploradores.

Na sociedade actual—isto é mesmo evidente—a machina occasiona um grande prejuizo aos trabalhadores, digam o que disserem os economistas que affirmam que as operadoras mecanicas economisam as forças do operario, que, reduzindo as despezas da producção, abaixam o preço dos productos, do qual se aproveitam os operarios na sua qualidade de consumidores.

Este é o aspecto bello da cousa, que seria verdadeira se a sociedade estivesse mais bem organisada.

Produzindo rapidamente a machina, vem augmentar ao mesmo tempo o consumo, diminuindo os preços dos productos.

Mas tal diminuição se trouxe alguns beneficios aos trabalhadores, foi só n'uma proporção muito limitada, porque o salario não lhe permitte satisfazer senão uma pequena parte das necessidades que experimenta.

A necessidade de consumo, em consequencia d'isto, vê-se limitada, emquanto o poder productor da machina não tem limites.

Ou antes, é limitada pelas necessidades do consumo, o que é contra o trabalhador, porque, produzindo a machina indefinidamente e não se operando o consumo, resultam de tal ordem de cousas as suspensões de trabalho, a mizeria para aquelle que só conta com o producto do seu trabalho para viver.

Demais, por seus movimentos combinados e regulados de antemão, que se operam automaticamente, a machina fez baixar a instrucção profissional. Aprende-se mais facilmente a cuidar d'uma machina do que a fabricar todas as peças de um objecto.

N'um grande numero de profissões, ao cabo de 8 dias de pratica, um individuo é capaz de dirigir a sua machina, quando d'antes seriam necessarios muitos annos de aprendizagem para ser capaz de produzir um objecto que aos centos sahem d'uma machina.

Esta facilidade de adaptar-se a um officio seria proveitosa ao operario, permittindo-lhe achar trabalho n'outro officio quando o seu não lh'o offerecesse.

Mas, ainda assim, a organisação capitalista soube desviar a vantagem para o capital.

SPERARE

Hora bella! hora divina! O ceu tinge-se de um azul profundo, luminoso; no poente a dourada luz do radioso astro transforma-se pouco a pouco em nuvemzinhas brancas e côr de rosa, que

---

Folhetim d'O DEMOCRATA

CARTILHA DO POVO

POR

JOSÉ FALCÃO

Segundo encontro de José Povinho com João Portugal

(Continuação do n.º 16)

José Povinho

Como o Povo é pobre! Um trabalhador ganha doze vintens por dia.

João Portugal

E os domingos e dias santos em que não ganha nada... E os dias de chuva... E os dias de doença. Deita a conta a tudo, e não lhe ficam duzentos reis por dia.

José Povinho

Por essa conta sustentavam-se sete mil oitocentos e quatorze trabalhadores com o dinheiro que a familia do rei custa á nação.

João Portugal

Upa, upa. Sustentavam-se trinta e um mil duzentos e cincoenta e seis. Não vês que a familia do trabalhador tem pelo menos quatro pessoas, e um só a ganhar? Na familia do rei, ainda os filhos não estão baptisados, e já ganham como se fossem homens.

José Povinho

Se o povo pensasse bem n'estas coisas nunca mais votava senão na Republica. Cada pessoa real que nasce, ou cada pessoa real que casa, são novos tributos para a nação. Quanto maior é a festa no paço, maior é a miseria do Povo.

João Portugal

E as viagens que faz o rei com a sua côrte? e as visitas que lhe fazem os reis de fóra?... Só o anno passado foram mais de dois mil contos.

José Povinho

Dois mil contos!!...

João Portugal

A conta é bôa de fazer. Visita do rei de Hespanha a Lisboa—mil contos. Visita do rei e da rainha a Madrid, que levaram um comboio carregado de ministros, deputados e outros lacaios da côrte—quatrocentos contos. Viagem do principe real, que andou por todas as nações uns poucos de mezes—quatrocentos contos. Viagem do rei velho, em companhia do filho, e d'aquella comediante com quem elle casou—uma porção de dinheiro de que se não sabe a conta.

José Povinho

Pelo que eu vejo, o anno passado ficou a nação a tenir com essas despezas.

João Portugal

Por isso elles agora vão pedir dezoito mil contos emprestados, fóra mais de quatro mil que ainda o outro anno tinham pedido a juro aos inglezes.

José Povinho

Então cada dia de vida que tiver a realeza, é como se fosse uma trovoada que arrazasse as sementeiras d'uma comarca.

João Portugal

E os inglezes agora como vêem que isto já pouco pode dár, porque o Povo mais dia menos dia atira com a albarda ao ar, vão lançando mão ás nossas colonias, que vae tudo pela agua abaixo.

José Povinho

E o governo consente?

João Portugal

O governo o que quer é que os inglezes vão emprestando dinheiro para o rei, para a côrte, para os ministros, e para essa sucia de lacaios comprados, que nos vem pedir os votos para o senhor beltrano, como já te contei o outro dia.

José Povinho

Já vejo que não ha remedio para isto, em quanto houver rei; por isso viva a Republica, e juro não tornar a votar senão em republicanos. Fóra com os comedores.

João Portugal

Antes de partir sempre te quero fazer uma pergunta: não te lembras que aqui ha annos quem não queria que o filho fosse para soldado, pagava quarenta moedas e o filho ficava livre?

José Povinho

Ai! lembro, lembro, e essa lembrança ha de fazer-me o coração negro até á hora da morte.

João Portugal

Sim! conta-me essa historia, que ahi anda por força grande maroteira dos nossos tyrannos.

José Povinho

A minha mãe era filha de gente pobre. Quando casou deram-lhe em dote um cordão d'ouro, com uma cruz pendente; era toda a riqueza dos paes. Quando havia doença empenhava-se o cordão em casa do prior, e durante um anno havia só meia ração de brôa, até se poder desempenhar o dote da minha mãe. Meu avô tinha dois filhos; a um deixou um olival e uma vinha, ao outro que era o meu pae, deixou-lhe a casa em que vivia e as hortas da ribeira. Aquella terra era pequena, mas parecia abençoada. Os torrões andavam alagados com o suor de meu pae, que pareciam regados com agua benta. Era um dia de lavoura, mas dava pão para meio anno, fóra as hortaliças e o sustento dos animaes.

vão mimosamente adornando o firmamento.

Bello crepusculo do mez de Maio! Com o seu agradavel friosinho, que envolve em nevoas brancas e vaporosas os orvalhados campos, parece convidar, na sua dôce melancolia, ás ternas e suaves meditações.

Na varanda, vagamente aclarada pelo luar do pallido crescente, a joven mãe reclinada na rede de vivas côres, estremece ao som do bronze que rola mystico e solemne, pela amplidão azul.

A' segunda badalada que vibra no campanario da aldeia, onde tremulam, como grandes pyrilampos, as illuminações festivas do mez marianno, Maria chama para junto de si o filhinho, que traquinava no infantil bulicio, indifferente á serena magestade da hora vespertina.

Não era o celestial anjo louro das frias regiões, mas a linda e esbelta creança nascida no paiz onde o sol despenha cascatas de luz quente e dourada, do paiz das rugidoras tempestades, dos caudalosos rios, das serranias infindaveis de fórmas caprichosas, cobertas de maravilhosas mattas, onde se occultam as mais exquisitas e maviosas aves.

Encostando-se ao regaço materno, sacudiu em um movimento rapido e gentil, os anneis do negro cabello que lhe cahiam em desordem pelas facesinhas morenas, e, juntando as mãos, fitou os grandes e avelludados olhos interrogativamente no rosto sereno e sorridente de sua mãe.

Terceira badalada soou.

Maria juntou as mãos e, seguida da titubiante voz do amado filhinho, recitou lenta e carinhosamente—Avè-Maria.

Fez-se o silencio extinguindo-se ao longe as derradeiras vibrações do bronze; mas no coração d'aquella criança, seja ella um dia bravo soldado, sabio illustre ou rustico lavrador, sceptico mancebo ou sério pensador, já mais se extinguirá de todo o mysterioso e indefinido sentimento d'aquella hora, nem mesmo nas supremas tribulações da vida, nos grandes desesperos da existencia.

Quando pelo limpido espaço enluarado vibrar o som do bronze de um campanario, o descrente, o sceptico, o desesperado, lembrar-se-ha da carinhosa voz de sua mãe, e então um doce alivio virá aquietar as suas maguas, e no profundo silencio da noite, recitará com suave recolhimento —Avè-Maria, sentindo n'alma o unico e sincero consolo da humana creatura:—a Esperança!

Astolpho.

NOTICIARIO

Dr. Affonso Costa

Como prenoticiámos esteve em Aveiro, esta semana, este distincto parlamentar e grande caudilho da Democracia Portugueza, o qual veio defender o réu Manoel Carlos, accusado do crime de humicidio voluntario na pessoa de Antonio da Clara.

O insigne parlamentar, que é um dos mais sabios jurisconsultos do nosso tempo, houve-se no desempenho da sua alta missão, com aquelle brilhantismo que todos lhe reconhecem. As testemunhas accusatorias, porém, provaram toda a materia da accusação de forma que o jury, tendo recolhido cêrca das tres horas da madrugada pronunciou o seu veredictum dando como provado o crime mas sem intenção de matar, pelo que o digno juiz, lavrando immediatamente a sentença condemnou o réu em dois annos de prisão maior cellular ou, na alternativa, em quatro annos de degredo em Africa.

Durante todo o julgamento esteve o tribunal sempre cheio de gente das nossas aldeias e principalmente de S. Bernardo, onde o crime foi commettido, e a quem o referido julgamento interessava mais de perto.

Tourada

Como era de esperar, em virtude dos elementos que n'ella entravam, a tourada, que se realisou no ultimo domingo no redondel do Rocio, deixou contentissimos todos os espectadores e aficionados.

O gado todo puro e ribatejano sahiu bravissimo e «cumpriu» dignamente.

Morgado de Covas, o festejado cavalleiro, teve ferros magnificos, tanto á tira como á estribeira, os quaes lhe valeram os mais enthusiasticos applausos. A pedido, cravou um ferro curto, com toda a arte, recebendo por isso as mais calorosas ovações.

Malagueño, Francisco Xavier e José da Costa, salientaram-se: o primeiro com lindos e artisticos passes de capa e os outros pondo *en su sitio* bellos pares de bandarilhas.

Jorge Cadete, o distincto artista, houve-se no toureio com aquella arte e denodo, que todos lhe conhecem, enfeitando os bichos com toda a pericia, recebendo bastantes applausos.

De todos os touros lidados apenas sahiu fraco o segundo que teve de ser laçado para entrar no touril.

O sexto touro, lindo animal e «gajo de muito pé» prestou-se soberbamente a uma péga de costas pelo cabo de forcados, a qual sahiu magnifica.

Emfim, a avaliar pela tourada de domingo, é de esperar que os espectaculos projectados pela empreza satisfaçam amplamente os mais exigentes.

Na tourada do proximo dia 28 do corrente, cujo programma abaixo publicamos, ha todas as probabilidades de que o emprezario tenha uma enchente *á cunha.*

***

Tem logar no domingo, 28 de junho, pelas 5 horas da tarde, uma grandiosa e deslumbrante corrida promovida pelo seu emprezario, sendo lidados 8 bravissimos e bem tratados touros, escolhidos pelo bandarilheiro Jorge Cadete, nas manadas que possue o conhecido lavrador e creador de gado, snr. Eduardo dos Santos, de Vallada (Ribatejo).

Cavalleiro o distincto e festejado artista José Casimiro d'Almeida.

Bandarilheiros: Theodoro Gonçalves, Jorge Cadete, Francisco Saldanha, Manoel dos Santos (da Gollegã) e Daniel dos Santos.

Com excepção do cavalleiro, foram estes artistas que trabalharam na corrida promovida pelo bandarilheiro Jorge Cadete, em setembro do anno passado, e que tanto enthusiasmo causaram ao publico.

Um valente e destemido grupo de moços de forcado. Dirige a corrida um distincto aficionado.

Detalhe da corrida: 1.° touro para José Casimiro d'Almeida; 2.° para Theodoro e Cadete; 3.° para Saldanha e Manoel dos Santos; 4.° para Cadete e Theodoro; 5.° para José Casimiro d'Almeida; 6.° para Daniel dos Santos e Saldanha; 7.° para Theodoro e Cadete; 8.° para Saldanha, M. dos Santos e Daniel dos Santos.

Abrilhanta esta extraordinaria corrida a excellente banda dos Bombeiros Voluntarios.

Fallecimento

Após um prolongado soffrimento, finou-se na quarta-feira d'esta semana, uma filhinha, de 14 annos, do snr. Francisco Mendes, habil serralheiro d'esta cidade.

A todos os doridos enviamos a expressão do nosso sentir.

Sorte Grande

A loteria de Santo Antonio, tambem contemplou em Aveiro algumas pessoas com a sorte grande, vendida em cautellas de tres e seis vintens.

Tambem o snr. José Telles, vendeu um vigesimo com o premio dos quinze contos ao criado e ao sachristão do Convento de Jesus, e que havia sido regeitado por um individuo de Sá, depois de o ter mandado pôr de parte. Que gallinha!

Gado tresmalhado

Pela 1 hora e meia da noite de terça-feira, quando os touros sahiam da praça para serem conduzidos ás pastagens de Vagos, os bois tresmalharam-se debandando para varios sitios.

Na Gafanha da Encarnação, uns selvagens, cujos nomes já são conhecidos, mataram á foiçada um dos animaes que para alli se havia dirigido e isto depois do cornupeto se ter enterrado até á barriga no lôdo da praia. Era o 63, um lindo e alentado animal, que foi conduzido em barco ao matadouro d'esta cidade.

Dito do fim

—Estou com azar! Vinha a seguir uma deliciosa mulher, que me dava uma *sorte* espantosa, e, de repente...

—Perdeste-a de vista?

—Não... entrou n'uma ourivesaria...

Chronica de Cacia

Monarchia e Republica

—A *Republica* pode ser: *unitaria* ou *federal. Republica unitaria* é aquella em que a *soberania popular* se exerce por meio d'um só parlamento congregando os representantes de todo o paiz. A *federal* é aquella em que a *soberania* se exerce em mais d'um parlamento correspondentes a outros tantos estados autonomos ligados pelo pacto federal. E', por assim dizer, uma Republica composta de pequenas outras republicas com vida e administração proprias e em que cada estado tem, por sua vez, representação n'um *Parlamento* commum — o *Federal.*

Como exemplo de *Republica unitaria* tens a França em que a vida politica nacional está, por assim dizer, circumscripta, ou melhor, centralisada em Paris, sua capital. Como exemplo de *Republica federal* tens a Suissa, pequeno e feliz *Povo* dividido em 25 *cantões* ou pequenas republicas, cada uma com o seu parlamento privativo e com a sua administração propria. Esta é, innegavelmente, a modalidade mais perfeita da *Republica.* Constitue o mais bello exemplo de descentralisação politica e administrativa que muito conviria um dia implantar no nosso paiz. Assim, se amanhã a *Republica* fosse implantada em Portugal e o *Povo,* como soberano que é, optasse pela *Republica Federal,* poder-sehia constituir a confederação portugueza com 8 pequenas republicas correspondentes ás 8 provincias em que actualmente está dividido o paiz e, d'este modo em vez de estar estupidamente centralisada em Lisboa a administração publica, cada provincia podia administrar-se por si propria, provendo aos sêus melhoramentos e necessidades regionaes conforme melhor entendessem os seus habitantes.

Mas ainda mais: n'uma republica perfeitamente democratica como é a Suissa o *Povo* fiscalisa directamente a administração publica; nada se faz de capital importancia para os superiores interesses da *Nação* sem que os governos e o parlamento o consultem previamente. D'ahi o chamado direito do *referendum* exercido a cada passo pelo *Povo* Suisso de que te vou dar o seguinte exemplo que é bem frisante:

Discutia-se em fins de 1907, no Parlamento Federal Suisso, uma nova lei de serviço militar patrocinada pelo governo. A lei alterava para mais o tempo da instrucção militar e, apezar de ter as sympathias da maioria da camara, muitos cidadãos impugnaram o projecto. Ora como pode dar-se o caso muitas vezes da opinião dos deputados divergir da opinião dos seus eleitores, isto é, da vontade geral da *Nação,* um grupo de eleitores adversos á lei reclamou do Parlamento Federal Suisso o *referendum,* resolvendo o governo em vista d'isto submetter a sua lei á approvação do *Povo* por meio de votação. Assim se fez; n'um determinado dia o *Povo Suisso* foi convocado a manifestar a sua opinião na urna, d'onde resultou ser a lei approvada por grande maioria e, portanto, por vontade da *Nação.*

Qual é a monarchia do mundo que nos dá tão bellos e salutares exemplos de civismo? Nenhuma.

Ora já que te fallei n'esta lei do serviço militar devo dizer-te que na *Republica Suissa* não existe o absurdo do exercito permanente como nas monarchias. N'aquelle modelar paiz todo o cidadão péga em armas para defeza da *Patria,* para o que em determinados periodos, aliás curtissimos, o *Povo* recebe instrucção militar.

Assim, se amanhã a independencia d'aquella *Republica* fosse ameaçada por outra nação, verias como um *Povo* inteiro se levantaria, como um só homem, para a defeza da *Patria Suissa.* A organisação militar d'aquelle democratico paiz é pois exclusivamente miliciana, o que, por outras palavras, quer dizer que se baseia no *soldado-cidadão* e não no *soldado-machina.* Que vantagens advirão d'aqui? perguntarás! Immensas, te digo eu! A primeira é que em caso de perigo nacional uma tal organisação militar permitte o levantamento em massa d'um *Povo* para a sua defeza e não apenas uma fracção d'elle, como succede nos exercitos permanentes. A segunda é que assegura o exercicio insophismavel da *Soberania Popular,* evitando que os governos ou as oligarchias exhorbitem e abusem do *Poder,* como succede nas monarchias que encontram nos exercitos permanentes, muitas vezes, cooperadores para toda a casta de prepotencias e atropellos contra a *Lei* e contra o *Povo,* que se vê impossibilitado de reagir por não estar armado. A terceira é que não retem nas fileiras, por muito tempo, milhares de braços com prejuizo da agricultura, do commercio e da industria, isto é, não prejudica a economia nacional.

A quarta e ultima vantagem é que não fomenta a ociosidade nem o espirito de casta, como succede nos exercitos permanentes, nem tão pouco sobrecarrega em demasia o orçamento, ao contrario do que succede n'outros paizes, em que a força armada constitue o verdadeiro cancro das suas finanças. Aqui tens, em poucas palavras, as vantagens d'um exercito perfeitamente democratico que só é possivel dentro dos moldes d'uma verdadeira *Republica.*

Aido de Cima.

O rabo do macaco

Contam que um certo sujeito
Mentia por fórma tal,
Que até os proprios amigos
Lhe levavam isso a mal.

O homem por toda a parte,
Dentro em casa ou pelas ruas,
Estava sempre disposto
A impingir *uma das suas.*

Um compadre, que elle tinha,
Lhe foi um dia pedir
Que se deixasse de *pêtas,*
Que não tornasse a mentir.

—Pois seja;—lhe volve o outro
Para o tranquillisar:
—Se faz n'isso tanto empenho,
Eu prometto não tornar.

—Quando vir que estou em risco
De cahir na tentação,
Nas abas do meu casaco
Dê você um bom puchão.

Um dia entre caçadores
N'uma alegre *cavaqueira,*
Toma a palavra o sujeito
E fala d'esta maneira:

—Uma vez eu vi no matto
Um macaco já crescido
Com um rabo, que teria
Sete metros de comprido!

Eis sente um puchão na aba,
E corrige com presteza:
—Sete metros... não direi,
Porém quatro com certeza.

Novo puchão elle sente,
E accrescenta sem tremer:
—Quatro, disse eu? E' engano...
Dois é que eu queria dizer.

Outro puchão no casaco..
E então elle, atarantado,
Diz ao compadre em voz baixa,
E já bastante zangado:

—Inda mais?! O' seu compadre...
Por esse andar (que diabo!)
Fica o casaco sem abas,
E o bicho fica sem rabo!

Antogreis.

ANNUNCIOS